

A MÍSTICA

“A VIDA É O IMENSO LABORATÓRIO PARA A ATENÇÃO, A SENSIBILIDADE E O ESPANTO QUE NOS PERMITE RECONHECER A CADA INSTANTE, POR MAIS PRECÁRIO E ESCASSO QUE ESTE SEJA, A REVERBERAÇÃO DE UMA FANTÁSTICA PRESENÇA: OS PASSOS DO PRÓPRIO DEUS.” JTM

DOS

SENTIDOS

A PROPOSTA DE ORAÇÃO PARA ESTA QUARESMA, INSPIRADA NOS TEXTOS DE JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, PROPÕE UM CAMINHO ATRAVÉS DOS SENTIDOS, EXPERIMENTANDO A REALIDADE DAQUILO E DAQUELE QUE VEM.



IV DOMINGO DA QUARESMA

O DESPÉRDÍCIO NECESSÁRIO

É de verificar que, nos Evangelhos, os perfumes desempenham um papel-chave na revelação de Jesus. A descoberta da fé cristã é, se quisermos, também olfactiva. No relato de São Marcos, por exemplo, deparamo-nos com esta passagem: «Jesus encontrava-se em Betânia, na casa de Simão, o leproso. Estando à mesa chegou uma mulher, que trazia um frasco de alabastro com um perfume de nardo puro de alto preço. Partiu o frasco e derramou o perfume sobre a cabeça de Jesus» (Mc 14,3). O que é que esta mulher fez? O que pretendia revelar? Porventura, a mulher arrisca dizer num gesto palavras que não encontravam ainda o tempo e o lugar para serem ditas, mas este nardo riquíssimo, por ela derramado sobre a cabeça daquele pregador itinerante, vale por mil palavras. As linguagens da fé são necessariamente plurais, e esquecemo-nos demasiadas vezes disso. Mas é essa pluralidade que está aqui colocada em cena. O olfacto é uma espécie de escuta. Só que enquanto a escuta está tradicionalmente ligada ao acolhimento do discurso verbal, o olfacto escuta a linguagem silenciosa, a fé que se expressa intensamente sem sequer precisar de se nomear. Não há dúvida que aquela mulher jogou uma cartada muito alta com o seu gesto, e que ele tem uma espessura de sentido que não passa despercebida aos circunstantes. Não se perfuma um desconhecido por mero acaso, nem se derrama um unguento de alto preço assim por nada. Há, portanto, uma intenção que o inesquecível odor do nardo perfuma. Que se trata de uma intenção arriscada mostra-o a continuação da história: «Alguns, indignados, disseram entre si: “Para quê este desperdício? Podia vender-se por mais de trezentos denários e dar-se de comer aos pobres.” E censuravam-na. Jesus, porém, disse: “Deixai-a, porque estais a atormentá-la? Praticou em mim uma boa acção”» (Mc 14,4-6) Este comentário de Jesus deve sensibilizar-nos para a bondade daquilo que de outro ponto de vista parece unicamente um desperdício. A verdade é que não precisamos apenas de pão, precisamos também de rosas. Em certas ocasiões, o esbanjamento não é uma excentricidade desviante, mas é a expressão que melhor espelha o essencial. O mais comum é, de facto, reduzirmos a vida espiritual ao que é necessário, ao que temos de fazer, à norma moral, às obrigações... Não raro, redunda numa segura. Está tudo correcto, ninguém nos pode acusar de nada, mas acusa-nos o coração: há pouco amor, pouca gratuidade, pouca generosidade, pouca excedência... E, por mais que tentemos mascarar, a realidade é esta: onde não há excesso de amor, não há amor. Podemos achar que o perfume é uma extravagância, pois vivemos muito bem com água e sabão azul. Mas, então, porque disse Jesus «praticou em mim uma boa acção»? **José Tolentino Mendonça, in A Mística do Instante**

Será que reduzir a minha vida espiritual aos mínimos, ao que é esperado, ao estritamente necessário, não me estará a mergulhar na segura? Não faltarão o excesso, o esbanjamento próprios do amor?

Todos os Domingos publicaremos uma nova etapa em
<http://www.igrejacampogrande.pt/quaresma2020>